



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

# Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

Lázaro Castro Silva Nascimento  
Kamilyly Souza do Vale  
(Organizadores)



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

# Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

Lázaro Castro Silva Nascimento  
Kamilyly Souza do Vale  
(Organizadores)

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Natália Sandrini de Azevedo

Daphynny Pamplona

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Gabriel Motomu Teshima  
**Revisão:** Isadora Bonfim Nuto  
**Organizadores:** Lázaro Castro Silva Nascimento  
Kamilly Souza do Vale

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P963 Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos / Organizadores Lázaro Castro Silva Nascimento, Kamilly Souza do Vale. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-637-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.376212710>

1. Gestalt-terapia. I. Nascimento, Lázaro Castro Silva (Organizador). II. Vale, Kamilly Souza do (Organizadora). III. Título.

CDD 618.9289143

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de e-commerce, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Com amor,  
à Helena Vale (*in memoriam*)



## PREFÁCIO

Ater-me à linguagem de uma obra, naquilo que posso apresentá-la ou presentá-la, implica, antes de qualquer exposição minha, na humilde assunção da linguagem como senhora última de nossa construção e abertura ao mundo. Assim, olhar e dizer estão carregados de uma implicação hermenêutica, à medida que como seres humanos somos linguagem e mundo em interatividade transformadora. O desafio hermenêutico se constitui na produção de exatidão de sentidos: aqueles que repousam sobre a produção – intencionando quem lê; sobre os autores – intencionando seus objetos e, para muito além, o sentido transcendente imposto pela fusão da obra e leitor na necessidade de ida à escrita, aos objetos dos autores e aos próprios objetos, produzindo então novos sentidos e novas construções.

Assim, a medida exata do entendimento de quem apresenta e introduz não faz jus à qualificação que será produzida no encontro com o leitor. Sugiro que cada leitor se deixe visitar pelos vários capítulos, ingenuamente, para posteriormente consultar as possibilidades de ser a partir daí mesmo, acenando a si com novos horizontes e possibilidades. Uma das características epistemológicas da Gestalt-terapia é sua condição moldável, sua plasticidade ou flexibilidade como queiram alguns e outros que, devido a isso até mesmo chegam a considerá-la sem epistemologia. Se a episteme seria uma dimensão que aprisiona e polariza, então a Gestalt-terapia é a-epistêmica sim, e eu ousaria dizer, anti-epistêmica, por aceitar sempre a introdução de novos e diversos pensamentos, ainda que mantenha sua identidade.

Mas a tecitura dos capítulos poderá falar por si, e eu por eles em mim, ao passo que cada “apresentação” poderá, dar-se como o presente mesmo, como um prenúncio do ganho – aqueles que por vislumbre identificamos ser saciedade, o encontro do adejo no emaranho, a descoberta da preciosidade ainda mesmo sem se saber da permanência da busca; e assim dando a todo inaugural da linguagem, a certeza do instante. Dizer é fixar sentidos. Mas a palavra bem dita os torna brevemente fixos, apenas para em alguns instantes calar fundo e fazer calar para, em seguida, erigir e destruir mundos. Assim os temas se seguem e nos seguem. Vejamos.

Podemos, podemos sempre como psicoterapeutas, estudiosos, cientistas que somos, supor que a violência entre os casais (seria toda forma de violência?) está alicerçada em padrões sociais mais amplos. Mas, aqueles que testam essa hipótese e a verificam em um trabalho profícuo, esses são os gestalt-terapeutas que em grupo, no grupo e para o grupo elegem a ação efetiva de uma Gestalt-terapia que, ainda que posa estar se perdendo de sua origem grupal, guarda-se na intersubjetividade como princípio epistemológico irreversível. Assim é que *Kamilyly Souza do Vale*, no *primeiro capítulo* expõe

um de seus trabalhos com casais em situação de violência conjugal, passando brevemente pelo histórico da psicoterapia de grupo, pela história e alguns princípios da psicoterapia de grupos gestáltica, os elementos constitutivos da psicoterapia de curta duração com grupos da Gestalt-terapia, desembocando naquilo que coroa o trabalho efetivo de um gestalt-terapeuta: desfazer as possíveis formas naturalizantes de definir e vivenciar os modos de violência, nesse caso, entre o casal. É em grupo que os casais podem se ouvir, no sentido de uma escuta que é de alguém, para alguém, por algum motivo, de algum modo e, para ser refletida sobre o modo de atuar na vida com o objetivo de reconhecimento e superação.

Curiosamente, casos clínicos não são frequentemente publicados em Gestalt-terapia. A despeito da consideração dos motivos, posso afirmar que há algo de ousado em mostrá-los, comparável ao supervisionando que apresenta seu caso em um grupo novo, temeroso dos olhares, da austeridade dos colegas e da profundidade da análise do supervisor. Mas no *segundo capítulo*, *Lázaro Castro Silva Nascimento* eleva seus supervisores e colegas à potência da infinitude, quando publica o caso de Franklin. Aos poucos pode-se perceber que sua ousadia de publicação é a mesma que o fez atender Franklin, sendo o leitor lentamente agraciado com o cuidado amoroso na condução e relato do caso, ao passo que revela suas intervenções sem, contudo, restringir-se à psicopatologia ou à técnica como elementos definitivos do processo. É a *relação*, associada a um olhar tecnicamente competente, mas antes e sempre a relação a produtora de mudanças significativas. E por falar em técnica, podemos finalmente perguntar qual o papel da técnica em Gestalt-terapia? Podendo ser compreendida como uma extensão do humano ou como o aprisionamento do ser, a técnica parece desfrutar de uma condição ambígua, de mocinha e vilã, quando referente às abordagens humanistas, em função de sua herança cientificista e também do comprovado auxílio que parece promover na atuação psicoterápica. No citado caso exposto por Lázaro, o autor apresenta o “mapa de uma palavra como experimento-produção gestalt-terapêutico”, dando-lhe ao mesmo tempo uma condição técnica e experimental. É exatamente o caráter experimental (não-determinístico, intuitivo, compartilhado, entre outros aspectos) que dá ao procedimento sua condição de libertação dos ranços da técnica. Desejo que próprio leitor faça sua apreciação dessa condição.

E dentre as condições a que estamos lançados, a violência, essa dos primórdios em que o homem se registra como homem, aparece como instituinte e reguladora do poder entre pessoas, grupos e nações, e nos impõe a pergunta se teremos mesmo elucidado suas facetas, suas minúcias e, principalmente sua origem, de forma que possamos nos perguntar como contribuir para mitigá-la. É nessa direção, de contribuição para uma perspectiva distinta e, por isso mesmo, necessária que *Leda Mendes Gimbo*, no *capítulo 3* faz sua exposição, caracterizando a violência como um hábito, mas não apenas aquele que se instaura na vivência individual e sim aquele instituído por macropolíticas, como forma de dominação de sociedades e grupos inteiros. Delineando a teoria do *self* em sua condição

necessariamente fenomenológica, a autora expõe minuciosamente essa pertinência e demonstra o modo de um fenômeno social se configurar como hábito, aparecendo por fim na teoria do *self* em sua dimensão individual. Afim com essa perspectiva, o *self* é reafirmado como um sistema de contatos e não como instância, a violência é situada na dinâmica entre as funções id, ego e personalidade, mas também vinculada a hábitos introjetados e repetidos historicamente, a serviço de fracasso ou sucesso social. Surgindo dessa forma, parece impossível mitigá-la, dados os caracteres antropológico e histórico a que a violência é tributária mas, afim com o *ethos* gestáltico, a autora evoca a insubmissão e a recusa *como possibilidades libertárias e criativas* dentro de uma condição clínica, afim com princípios éticos gestálticos e propensos a não se confirmar um fazer psicológico conivente e reforçador de injustiças.

O capítulo 4, de Alberto Heller, traz-me um pensamento que há muito me acompanha e que ainda não sei exatamente como implementá-lo: está na hora de musicar a vida, a partir dos infinitos silêncios que a inauguram. Exatamente essa ideia de uma escuta do inaudível está exposta em todo o seu texto, afirmando a necessidade de interposição de sentidos ou resgate das sensações intermodais (tatear com os olhos, ouvir com o corpo, ver com os ouvidos) de se entender o ouvir para além da escuta do senso comum e do sentido comum das psicoterapias. Está instituído um modo de escutar em psicoterapia que fixa a atenção no bem-dizer, nas regras gramaticais da língua, nos modos permitidos de expressão, na semântica necessária, na lógica causal e no ritmo vigente, de forma que a dança necessária entre sons e silêncios, entre o silenciamento do psicoterapeuta e sua escuta qualificada (inclusive para o não saber o que ouvir) estão tolhidos e abolidos do processo psicoterápico. Alberto, realiza uma série de exames dos termos ouvir, escutar e auscultar, vinculando seu sentido ao estar aberto, à obediência corporal necessária para que o psicoterapeuta deixe de prioritariamente escutar a si mesmo para escutar o outro. É dessa maneira que incorpora o “estranho” ao processo psicoterápico, analogamente à música que está com as janelas abertas para ruídos e sons imprevisíveis, dando a eles abrigo como se abriga um viajante (*êthos*) e assim possibilitar a escuta do não-eu; afirmando então esse radical não-eu que se abre para onde o outro quer levar o terapeuta e não para onde esse técnico o quer conduzir. Ainda resta em aberto a clarificação daquilo a que a escuta terapêutica se refere, em que Alberto contribui com a necessidade de se fazer parte da *dança, do quadro, da música, da cena*.

Há ainda muito o que ser ouvido, e muito mais ainda a ser selecionado para ser ouvido. Afim com essa constatação *Isaura Caroline Abrantes Silva e Welison de Lima Sousa* dirigem seus ouvidos para o inaudível, o invisível, o indizível. Imagino uma situação corriqueira, ao final do dia, em que uma pessoa pergunta a outra onde ela vai, com a resposta também costumeira de um “para casa”. Como seria não ter a casa para ir? Como seria não poder morar em nenhum lugar? Apenas por imaginação poderíamos sequer nos

aproximar da vida de pessoas em situação de rua. No *capítulo 5* os autores fazem um exame da condição das pessoas em situação de rua estabelecendo relação com a clínica gestáltica, enfatizando o entendimento da rua não apenas como o lugar da falta – evidente na ausência de moradia, de alimentação, de poder econômico, de políticas públicas – e que revela a exclusão econômica e política, mas também o lugar da presença e das potências: lugar de relações sociais onde se produz junto/com. E é nessa condição que apresentam a Redução de Danos como ferramenta política para pensar a clínica do sofrimento e o fazer do Acompanhante Terapêutico para o resgate de uma dimensão ética pouco abordada em Gestalt-terapia. O propósito é a provocação de um desajustamento criador: o construir de novidades que, com o suporte do campo, dê a psicoterapeuta e paciente a presença no invisível, o deserto das representações também chamado de vazio fértil. A Gestalt-terapia precisa repensar seu fazer? Sim, na medida em que possa estar a serviço dos imperativos e pedidos neoliberais de produtividade. A clínica então, deve servir ao não servir. Haverá nesse contexto, maior serventia que essa?

A resposta sobre a serventia de uma clínica fundada no vazio fértil traz à tona outras buscas, outras possibilidades de fazer da Gestalt-terapia. É mais uma vez o contato com a emergência e dessa vez da solidão do ato terapêutico que a discussão sobre a formação, eu me digo melhor, sobre a contínua e nunca acabada transformação do gestalt-terapeuta em ser si mesmo que a *intervisão* irrompe como ato, como possibilidade e com diferenças notórias em relação aos outros campos de construção e reconstrução do gestalt-terapeuta. No *capítulo 6*, *Natascha Bravo de Conto e Dafne Thaíssa Mineguel Assis* examinam a *intervisão* e a diferenciam do processo de psicoterapia e da supervisão, apontando as singularidades que, fundamentadas em uma relação dialógica, fazem surgir o ser dos psicoterapeutas com suas características, ritmos, movimentos, singularidades e estilos próprios. É a partir de uma relação não hierarquizada, sustentada no diálogo e na troca genuína que a *intervisão* se torna esse espaço complementar da psicoterapia e da supervisão onde emergem as potências e as nuances construtoras da história e trajetória dos profissionais envolvidos. Dessa forma, a metáfora pertinente é de artistas que compartilham um trapézio e precisam equilibrar-se juntos e confiar na presença do outro para as manobras, ao mesmo tempo dotadas de destreza, mas também de saltos onde se acredita estar o outro ali, bem à mão e literalmente à mão, para ser o suporte condutor ao término do movimento. Dessa maneira beleza e risco se confirmam como necessários, mas também se sustentam na possibilidade de ser enquanto simples simetria.

E de quantas experiências precisaremos para sermos o efetivamente denominado de psicoterapeuta? Se olharmos para as pedras que compõem uma ponte, perguntaremos quem faz a suficiente sustentação: arco ou pedras? A resposta parece estar na superação da dicotomia, lugar onde pedras e arco “desaparecem” para aparecer a ponte. Assim, a partir de um caso (mais uma pedra?) é que *Lílian Vanessa Nicácio Gusmão*, no *capítulo 7*,

apresenta o acolhimento, a construção de desejos, a interlocução solidária, os sentimentos, valores e pensamentos compartilhados, apenas para recuperar uma pessoa (ou seria o próprio arco?). Uma pessoa que precisou vencer a dicotomia de ser adulto ou ser criança exatamente por, durante um longo tempo de sua vida, ter feito introjeções disfuncionais reveladas numa gastrite, na banalização da vulnerabilidade para evitação dos conflitos. Curiosamente, é no resgate e possibilidade de enfrentamento dos conflitos que o paciente de Lílian pode se expressar, e passar pela efetiva experiência de inclusão no colo da psicoterapeuta, lugar de cuidado e de segurança, onde pode também experienciar-se de forma plena. Experiências traumáticas são revisitadas por Lílian e seu paciente, atualizadas na dimensão do aqui e agora, conferindo a possibilidade do apoderamento de si mesmo. Sim, o leitor verá como o arco e as pedras desapareceram; vislumbrará apenas a ponte, quer seja figura a terapeuta, o cliente ou, ainda quem sabe, tudo isso junto.

E dessa noção de fixidez instalada em nossa necessidade de estabilização do mundo, perdemos a dimensão da unicidade quando somos obrigados a nos “desterritorializar”. A maioria de nós não sabe o que efetivamente é ser um estrangeiro, experienciar a perda de cidadania e de direitos em seu país de origem e novamente ser submetido a essa experiência no país onde se pediu abrigo. Com uma contribuição de combate a essas vivências, *Elis Moura Marques* no *capítulo 8* aborda a experiência de pessoas migrante e refugiadas venezuelanas no Brasil. Entender as dificuldades e sofrimentos, aquelas inerentes a toda e qualquer pessoa em estado de crise, é uma tarefa inerente ao gestalt-terapeuta; e é ainda mais sua tarefa compreender as especificidades sofridas em cada situação particular de sofrimento, com o objetivo de tornar, por um lado, mais apropriada a ação de cuidado, por outro, mais artístico nosso trabalho, no sentido de fazermos uma adaptação do conhecimento geral e sistemático à unicidade e singularidade daquele que se nos apresenta. Através do relato de três situações clínicas, Elis nos coloca em contato próximo à experiência de sofrimento dos venezuelanos refugiados no Brasil. Importante ressaltar o modo como aproxima a necessidade de uso do conhecimento gestáltico no trabalho com essas pessoas, através inicialmente do resgate histórico de desterritorialização experienciada por Perls e Laura, através da apropriação do fazer gestáltico como de um cuidador dos vínculos e das relações antropológicas. É assim o estabelecimento de auxílio para a restituição da autonomia perdida pela xenofobia, caráter agravador de sofrimentos anteriores e inerentes a todo e qualquer ser humano, mas que nos preconceitos impostos é potencializado e faz subsumir aspectos saudáveis desse outro em generalizações desqualificantes.

Entendo ser necessário aprender para estar com o diferente, o novo e o inusitado e, nessa perspectiva, a aprendizagem, objeto de estudo de tantas facetas, tem uma leitura particularmente gestáltica no *capítulo 9*, quando *Ana Karina El Messane* examina os impedimentos de caráter afetivo presentes no processo de aprendizagem. A confluência,

um dos modos de impedimento do contato, é considerada naquilo que gera dificuldade no aprendiz em ser o autor de seu próprio pensamento. Articulando as formas de evitação do contato com a Epistemologia Convergente, com a Gestalpedagogia como forma de Epistemologia Integrativa, Ana Karina apresenta um caso onde demonstra a forma como o conhecimento é fruto da relação, da experiência vivida onde sujeito, objeto, eu, outro e mundo caminham lado a lado, mas para além disso, transcendem as dicotomias entre partes-todo, exatamente por ser dotado de interconexões da ação humana com o ambiente, os processos sócio-históricos e a cultura. Nota-se o modo como os pais de seu paciente puderam compreender seu lugar e seu papel de confirmadores do filho, dedicando-se à nutrição emocional, imprescindível para revelar o escutar, o ver, o pensar, o refletir como processos fundamentais da aquisição de autonomia para a criança ser construtora não apenas do conhecimento próprio, mas de sua própria vida. A dimensão emocional torna-se assim o objetivo fundamental da aprendizagem como forma de integrar corpo e emoções com o processo cognitivo. Mais uma vez, em uma dimensão educacional, poderá o leitor perceber que a integração se torna o princípio e fim do processo de criação, sustentação e crescimento humanos.

Se a integração aqui e ali se apresenta como um elo necessário de toda ação em psicoterapia, particularmente o fluxo, esse deixar-se conduzir junto com, sem jamais ser meramente passivo, essa arte do encontro consigo e com a própria vida que sempre se revela no outro, adquire novas roupagens quando a criatividade é sentida sob a pena de *Wanne de Oliveira Belmino*, no capítulo 10. Acredito ser o capítulo que ilustra de maneira integrada a necessidade que se articulem fluxo e criação, onde o ser cíclico do feminino é necessariamente considerado. Wanne, de maneira artística e reflexiva, olha para seu próprio fluir, seu modo cíclico de estar no mundo e em si mesma. O feminino que há em todos nós – negado sob a visão machista – precisa ser reconsiderado a partir daquelas detentoras de maior pertinência nesse dizer: as próprias mulheres. E como mulher Wanne reflete sobre um aspecto às mulheres concedido, o de substituição do masculino, mas sendo ele mesmo impeditivo da aparição de suas singularidades, ao passo que faz emanar a rigidez típica do masculino. Como consequência, o adoecimento, a discriminação salarial, as pressões sociais, a precarização do trabalho e o acúmulo de tarefas eclodem em uma dimensão ambígua: se por um lado confirmam o “avanço” feminino em suas conquistas, por outro a solapam peculiaridade desse feminino e negam o reconhecimento da dimensão cíclica de suas energias físicas e psíquicas. É urgente reestabelecer um fluxo saudável, resgatando assim as múltiplas partes do feminino que dialoga sabiamente com a noção de crescimento em Gestalt-terapia, tendo exemplarmente no período menstrual uma importante metáfora da autorregulação orgânica. Ficar no vazio, permitir-se o contato, o emergir de algo, ainda que embrionário, fluir com o emergente e transfigurá-lo em expressões significativas, respeitando a própria criação e em direção a algo integrador e

complementar: eis o processo criativo em sua ciclicidade. O nada se apresenta como prehe de possibilidades e estas anunciam e completam o ser.

Essa obra então se configura por esses dez capítulos, dez convites, dez diálogos em integração. As experiências de seus autores (ex-peri-ência: sair de seu próprio ser) adquirem maior sentido quando revelados na forma de escritas, na maioria delas dizendo “olha o que eu vivi” e imediatamente se transformando em vivência do leitor, se atualizando na possibilidade de novos vividos. A experiência sugere a repetição, a vivência inaugura a singularidade e o novo. Assim, leitor e autores se integram na permissão dada de experiência e vivência. Enquanto linguagem, nos expressamos nas palavras, no corpo e na transcendência dessas dimensões a que preferimos sempre chamar de “ser”.

**Silverio Karwowski**

setembro de 2021.

Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Campinas, Gestalt-terapeuta pelo Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo, Psicólogo e Licenciado em Psicologia pela UFU, autor do livro Gestalt-terapia e Fenomenologia, Diretor do IGC – Instituto Gestalt do Ceará e professor universitário.

## APRESENTAÇÃO

Movidos pelo desejo de dar continuidade ao objetivo de fomentar espaços de interlocuções entre profissionais de diferentes regiões do Brasil e que tem a abordagem gestáltica como suporte teórico, apresentamos o livro *Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos*. A proposta desta obra contempla a díade teoria-prática através dos escritos que são frutos de reflexões e experiências vivenciadas pelas autoras e pelos autores. Cada um com sua bagagem profissional e visão de mundo configurando um espaço de troca, construção de conhecimento e compartilhamento de experiências.







Os temas presentes neste livro nos convidam a olhar para uma clínica engajada politicamente, que prima pela ética do cuidado, e que ultrapassa os muros de uma clínica tradicional e solipsista. É uma clínica gestáltica que ultrapassa fronteiras, que tem música, sons, que reverbera e que mobiliza o campo para abrir espaços para a novidade. É uma clínica do contato com o novo e do contato com o diferente!





**Lázaro Castro Silva Nascimento**

**Kamilly Souza do Vale**



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
INTERLOCUÇÕES GESTÁLTICAS ENTRE A PSICOTERAPIA DE GRUPO E A INTERVENÇÃO COM CASAIS	
<a href="#">Kamilly Souza do Vale</a>	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127101">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127101</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
UM JEITO DE FAZER GESTALT-TERAPIA: O CASO FRANKLIN E O MAPA DE UMA PALAVRA	
<a href="#">Lázaro Castro Silva Nascimento</a>	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127102">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127102</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>31</b>
A VIOLÊNCIA COMO HÁBITO: LEITURA DE UM FENÔMENO SOCIAL A PARTIR DA TEORIA DO SELF	
<a href="#">Leda Mendes Gimbo</a>	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127103">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127103</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>41</b>
ESCUA MUSICAL, ESCUTA CLÍNICA: PASSAGENS	
<a href="#">Alberto Heller</a>	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127104">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127104</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>53</b>
VIDAS NAS RUAS: VULNERABILIDADES E POTÊNCIAS EM UMA ABORDAGEM GESTÁLTICA	
<a href="#">Isaura Caroline Abrantes Silva</a>	
<a href="#">Welison de Lima Sousa</a>	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127105">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127105</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>67</b>
EXPERIÊNCIA DE INTERVISÃO: POSSIBILIDADE DE CRESCIMENTO DA/DO TERAPEUTA A PARTIR DA POTÊNCIA DA RELAÇÃO	
<a href="#">Natascha Bravo de Conto</a>	
<a href="#">Dafne Thaíssa Mineguel Assis</a>	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127106">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127106</a>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>80</b>
AJUSTAMENTOS CRIADORES DIANTE DA DICOTOMIA CRIANÇA INTERIOR E ADULTO: A RECONSTRUÇÃO DA VULNERABILIDADE IDENTITÁRIA DIANTE DO TRAUMA	
Lílian Vanessa Nicácio Gusmão	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127107">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127107</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>93</b>
UM OLHAR GESTÁLTICO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE PESSOAS MIGRANTES E REFUGIADAS VENEZUELANAS NO BRASIL	
Elis Moura Marques	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127108">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127108</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>105</b>
A CONFLUÊNCIA E O OBSTÁCULO DE CARÁTER AFETIVO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	
Ana Karina El Messane	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127109">https://doi.org/10.22533/at.ed.3762127109</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>116</b>
SOMOS CÍCLICAS: CRIATIVIDADE, FEMININO E GESTALT-TERAPIA	
Wanne de Oliveira Belmino	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.37621271010">https://doi.org/10.22533/at.ed.37621271010</a>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>129</b>

# CAPÍTULO 1

## INTERLOCUÇÕES GESTÁLTICAS ENTRE A PSICOTERAPIA DE GRUPO E A INTERVENÇÃO COM CASAIS

Kamilly Souza do Vale<sup>1</sup>

Pensar a clínica gestáltica na contemporaneidade é reconhecer a importância de fomentar espaços para que modelos obsoletos de atuação clínica sejam atualizados. Partindo desse pressuposto, apresento neste capítulo mais um recorte da tese de doutorado que defendi na Universidade Federal do Pará (UFPA) em 2018, sob orientação da professora Adelma Pimentel. O mote de trabalho da pesquisa partiu do incômodo inicial de perceber que existe um arcabouço teórico e prático em Gestalt-terapia que, na maioria das vezes, é utilizado de maneira limitada a um fazer meramente voltado para uma prática clínica individual privativa.

Desse modo, a proposta deste texto é favorecer, a partir do material disponível na literatura gestáltica, subsídios para um manejo clínico que esteja integrado aos conceitos propostos pela abordagem e possibilitar que estes sejam fonte de facilitação de processos de mudanças em áreas que incluam também sujeitos e demandas em situação de vulnerabilidade social.

A Gestalt-terapia se inicia com a tradição do trabalho psicoterapêutico em grupo e com os *workshops* difundidos, em especial, por Perls, em Esalen, nas décadas de 1960/1970. Ciornai (2016) pontua que, nesse período, o trabalho com grupos era muito comum, no entanto, nas décadas que se seguiram, houve uma mudança radical nessa perspectiva, e a prática voltou-se quase exclusivamente para o atendimento individual. A Autora refere que, atualmente, com a proposta da clínica ampliada, com o trabalho em instituições sociais e os atendimentos à comunidade, o grupo vem ganhando espaço.

O conceito de clínica ampliada tem sido bastante discutido e é mote de muitos trabalhos publicados na área (HOLANDA, 2012; ALVIM; CASTRO, 2015) quando se aborda a necessidade de se olhar criticamente para os modelos clínicos instituídos.

Sobre isso, Holanda (2012) apresenta argumentos que se referem à fragilidade epistemológica da área clínica, ilustrada pelas oscilações entre a transposição de uma prática de consultório e a ausência de parâmetros epistêmicos para a prática no âmbito das instituições. No cenário histórico, o autor refere-se ao objeto e aos desafios implicados na atividade psicoterapêutica e critica a tentativa de fluxos de configuração de uma clínica

---

1. Gestalt-terapeuta. Psicóloga (CRP 10/02310). Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Pará. Professora, supervisora clínica e coordenadora do Grupo de Estudos em Gestalt-terapia (GEGT-Belém)

social que se viabiliza meramente a partir de discursos ideológicos, cuja implicação é uma prática psicoterapêutica que não se atenta ao sofrimento psíquico tampouco às mazelas sociais.

Corroborando essa ideia, Alvim e Castro (2015) afirmam que,

quando pensamos em modelos ampliados de clínica, como, por exemplo, uma clínica do trabalho ou uma clínica na comunidade, temos em vista processos grupais que se formem como coletivos, acreditando que para além de atribuir o sofrimento ao psiquismo é necessário promover um diálogo intersubjetivo (ALVIM; CASTRO, 2015, p. 44).

Dentre a variedade de possibilidades da atuação clínica, destaco a psicoterapia breve de grupo gestáltica como uma das estratégias possíveis para o trabalho com casais, considerando que, para a construção do conhecimento científico na área e a compreensão do fenômeno, aspectos fundamentais deixam de ser observados e analisados quando os protagonistas da situação são abordados isoladamente, sendo insuficientes para responder à demanda, que continua crescente.

Utilizo, então, a proposta de uma psicoterapia breve de grupo com casais por acreditar que ela contempla a proposta inicial de favorecer uma abordagem clínica em consonância com um enfoque social. O grupo configura-se, assim, como um espaço para a vivência de sentimentos, para o exercício da capacidade de tolerar diferenças, para a reflexão, para a experimentação de novas atitudes com o outro, para o aprendizado dos direitos enquanto sujeito existente socialmente e para o estabelecimento de relações solidárias pautadas no cuidado e no autocuidado.

## NOTAS SOBRE O PERCURSO HISTÓRICO DA PSICOTERAPIA DE GRUPO

A psicoterapia de grupo desenvolveu-se exponencialmente após a II Guerra Mundial, quando psiquiatras e psicanalistas, inseridos no contexto hospitalar, realizaram esse novo tipo de tratamento, visto que era grande o número de pacientes que precisavam de assistência, em relação a um número pequeno de profissionais para atendê-los (SANTOS, 2005; ZIMMERMANN, 1971).

Os dados históricos apontam que o médico Joseph Henry Pratt, em 1905, na cidade de Boston (EUA), iniciou um método de trabalho de cunho psicológico que contava com a organização de grupos de vinte a trinta pacientes com diagnóstico de tuberculose, que se reuniam uma ou duas vezes por semana para ler textos sobre formas de cura ou dar suporte uns aos outros no que se referia ao diagnóstico (BORIS, 2014; RIBEIRO, 2013; SANTOS, 2005; ZIMMERMANN, 1971).

A metodologia de trabalho originou-se nos EUA, contudo, a Europa configurou-se como um *locus* fundamental para a definição do que hoje conhecemos como psicoterapia de

grupo. Em 1910, em Viena, Jacob Levy Moreno cunhou o nome *psicoterapia de grupo*, com a criação do “Teatro do Homem Espontâneo”, no qual uniu o psicodrama e a representação de papéis, a partir do recurso de situações-problema, para possibilitar a conscientização e a resolução dos conflitos. Para isso, Moreno utilizava-se da dramatização de experiências, expectativas, sonhos e fantasias do paciente, com a colaboração dos membros do grupo ou de outros profissionais (ALBUQUERQUE, 2011; BORIS, 2014).

Outros nomes fundamentais, como Alfred Adler, Trigant Burrow, S. R. Slavson, Kurt Lewin, S. H. Foulkes e W. R. Bion, ajudaram a difundir a psicoterapia de grupo nas mais variadas linhas e abordagens, adotando diferentes formas de trabalho quanto a modelo, estrutura, objetivos, tipos de grupos e indicação (BORIS, 2014; RIBEIRO, 2013; SANTOS, 2005; TELLEGEN, 1984).

Referencio Kurt Lewin e S. H. Foulkes como grandes influências para o trabalho com grupos em Gestalt-terapia. Lewin (1978), psicólogo social, dedicou-se aos estudos das relações entre vida grupal e liderança, dando ênfase à “dinâmica de grupo”. Para o autor, o grupo é compreendido a partir do conceito de campo, segundo o qual há uma interligação entre o sujeito e o meio social ao qual está exposto. Configura-se, assim, como uma totalidade integrativa – opondo-se ao entendimento da mera reunião de indivíduos –, que forma seus próprios processos, afetando e sendo afetada pelas partes diversas e constituindo-se única.

Outra importante contribuição de Kurt Lewin para a construção metodológica da psicoterapia de grupo foi a criação dos denominados *T-groups*, que surgiram a partir da difusão da dinâmica de grupo. Nesse tipo de trabalho, o objetivo era alcançar a capacitação de pessoal, configurando um caráter psicopedagógico. A novidade metodológica dos *T-groups* era oferecer “terapia de grupo para normais”, por meio da tentativa de nivelamento no repasse dos conhecimentos, alcançando, assim, uma demanda de formação que geralmente é oriunda das áreas educacionais e de desenvolvimento organizacional (ALBUQUERQUE, 2011; BORIS, 2014; TELLEGEN, 1984; YALOM; LESZCZ, 2006).

Foulkes (1976), por sua vez, foi o fundador da psicoterapia de grupo analítica; trabalhou durante a II Guerra Mundial e desenvolveu o tema da transferência nas relações grupais. No entanto, apesar de a psicanálise ser a base de seu trabalho, ele fazia uso da filosofia fenomenológica, da teoria de campo e da psicologia da Gestalt para a compreensão da dinâmica grupal (BORIS, 2014; RIBEIRO, 2007). Em Gestalt-terapia, Ribeiro (1981, 2007) debruçou-se sobre a teoria de Foulkes, dando ênfase aos estudos da resistência grupal e da articulação da metodologia com os conceitos gestalticos.

Assim, considero que a dimensão histórica do trabalho com grupos ajuda a situar a evolução do manejo nesse tipo de intervenção. No tópico seguinte, apresento a influência do prisma fenomenológico existencial, que gerou uma modificação na forma de perceber o sujeito e, conseqüentemente, na facilitação da prática grupal.

## PONTO DE VISTA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL SOBRE GRUPOS

Avançando no desenvolvimento histórico do trabalho com grupos, destaco a inserção do ponto de vista fenomenológico existencial, mencionando que a inspiração direta e indireta na composição dos sistemas teóricos e metodológicos clínicos foi, entre outras, a contribuição filosófica de Husserl e Heidegger. Inicialmente, a principal modificação na psicologia foi a inclusão de “uma nova postura para inquirir os fenômenos psicológicos: a de não se ater somente ao estudo de comportamentos observáveis e controláveis, mas procurar interrogar as experiências vividas e significados que o sujeito lhes atribui” (BRUNS, 2011, p. 69).

Esse novo prisma dá ênfase à relação *sujeito-objeto-mundo*, valorizando as noções de totalidade e subjetividade, por meio da compreensão de que não existe uma consciência pura, isolada e/ou desvinculada de algo para ser percebido, e sim uma consciência que é para algo ou alguém, ou seja, uma consciência que intenciona e que atribui significado. Desse modo, embasada na epistemologia existencial-fenomenológica, a clínica torna-se um espaço de intensa transformação (BRUNS, 2011; HOLANDA, 2012).

Tais contribuições favoreceram também modificações nas atitudes do psicoterapeuta diante do cliente, que passa a se apresentar em uma conduta de compreensão e de apreensão do ser humano em suas várias possibilidades de existência. Com esse tipo de postura compreensiva, a atuação passa a ser a de um autêntico facilitador e promotor da emergência da existência do cliente (HOLANDA, 2012).

Vale mencionar, nessa mesma perspectiva filosófica, a contribuição de Rogers (1970), que foi o criador dos “grupos de encontro”, forte referência para o trabalho de psicoterapeutas grupais de diferentes abordagens. A proposta rogeriana era a de uma metodologia não diretiva, que buscasse o crescimento pessoal e estimulasse a comunicação e o desenvolvimento das relações interpessoais por meio do encontro autêntico entre os membros do grupo. Nos grupos de encontro, a postura do facilitador é pautada nos conceitos de compreensão empática e de aceitação incondicional dos participantes (ALBUQUERQUE, 2011; BORIS, 2013; YALOM; LESZCZ, 2006).

Fazendo uso da mesma epistemologia filosófica, a Gestalt-terapia, cujo trabalho desenvolvido teve início com o precursor da abordagem, Frederick Perls, em meados de 1960, tinha como proposta inicial o trabalho individual em grupo, objetivando a mudança pessoal por meio da promoção da tomada de consciência do indivíduo no reconhecimento de seus recursos próprios. Nesse modelo, um participante era convidado a trabalhar diretamente com o facilitador, o qual se concentrava nas incongruências óbvias, na atitude não verbal e nas evitações dos sentimentos apresentados, enquanto os outros membros só faziam considerações ao final (BORIS, 2013).

Foi a partir desse formato que a abordagem gestáltica se tornou conhecida como

um referencial psicológico que prima, fundamentalmente, pelo uso de técnicas, já que, em jornadas de *workshops* realizadas nesse período por Perls, era comum o uso de técnicas e experimentos para a estimulação do trabalho com participantes do grupo (CIORNAI, 2016; COHN, 1980; POLSTER; POLSTER, 2001; TELLEGEN, 1984).

Apesar desses limites iniciais, é importante destacar os marcos e as influências teóricas na obra de Perls: 1) as contribuições da psicologia da Gestalt, por meio dos conceitos de “todo e parte” e “figura e fundo”; 2) a teoria de campo proposta por Kurt Lewin; 3) a teoria organísmica de Kurt Goldstein, que concebia o grupo enquanto um sistema; 4) o psicodrama de Moreno, com as contribuições do teatro; e 5) o pensamento holístico, a partir do entendimento da integração. Essas influências são base para o trabalho de psicoterapia em Gestalt, que, atualmente, rompe com a prática individualista e avança na direção de um modelo ecológico, que prima pela compreensão dos fenômenos a partir do conceito de campo, dando ênfase às relações sociais (ALBUQUERQUE, 2011).

Os modelos desenvolvidos por Tellegen (1984), Ribeiro (1994), Kepner (1980) e Zinker (2001) instituem uma proposta gestáltica de trabalho com grupos baseada na abordagem sistêmica, a partir da busca pela experiência grupal, da configuração do processo vivido em e com o grupo e da dinâmica interacional entre os membros.

Para Zinker (2007), os pontos básicos fundamentais para a intervenção com grupos são o desenvolvimento da *awareness* grupal, o contato ativo entre os participantes e o uso de experimentos interativos. Já para Ribeiro (1994), a psicoterapia de grupo tem como fundamentação básica a fenomenologia e a teoria de campo. Para ele, o grupo constitui-se como *processo grupal*, ou seja, é uma unidade complexa que vivencia um movimento existencial com sentido de mudança através da relação que cada membro do grupo vivencia com ele.

Assim, na proposta interventiva para a configuração desta pesquisa, tais influências foram fundamentais para a composição do manejo com o grupo de casais.

## DELINEANDO A INTERVENÇÃO CLÍNICA COM GRUPOS

O trabalho de intervenção clínica proposto neste capítulo integra três modalidades de atuação psicoterapêuticas: 1) grupos; 2) casais; e 3) psicoterapia<sup>1</sup>. Ao agregar psicoterapia breve e casais à modalidade interventiva com grupos, priorizei fundamentar o manejo clínico a partir dos enfoques teóricos da abordagem gestáltica, dando ênfase para a noção de campo (LEWIN, 1978; ROBINE, 2006; SILVEIRA, 2016).

Ponto que, na modalidade de psicoterapia breve, estima-se que o número de sessões esteja entre quinze (15) e vinte e cinco (25), sendo um curto prazo para produzir

---

1. Em Gestalt-terapia (RIBEIRO, 1999; PINTO, 2009), utiliza-se o termo curta-duração para fazer referência à modalidade de psicoterapia breve.

mudanças em situações claramente definidas (RIBEIRO, 1999; PINTO, 2009). No entanto, considero que tal questão pode ser percebida de modo dinâmico, já que outros fatores, como a configuração do grupo, o compromisso com o trabalho e o modo como se vivencia a experiência, serão pontos fundamentais para o processo de mudança.

Do ponto de vista de campo e da abordagem gestáltica, essa dinâmica é construída sobre os princípios de ressonância, interconexão, co-construção e co-responsabilidade do que acontece à medida que o movimento se desenvolve, simultaneamente, o que significa que há interdependência entre indivíduos e entre cada indivíduo e a entidade do grupo (DELACROIX, 2013, p. 63, tradução minha).

Dessa maneira, o trabalho com grupos em Gestalt-terapia volta-se para a importância do encontro e do contato entre as pessoas, de forma que “o contato é uma experiência de comunalidade, comunidade e individualidade. Cada pessoa, independente do que estiver fazendo, é encorajada a se conscientizar de sua parte na sociedade e de seu papel no grupo” (ZINKER, 2007, p. 184).

Ao trazer a noção de campo para o trabalho com grupos em Gestalt-terapia, Delacroix (2013) afirma que é necessário dar atenção tanto para o indivíduo quanto para o grupo, percebendo os sentimentos e emoções que surgem no campo e dispondo-se de modo a identificar constantemente as questões manifestas em nível corporal, verbalmente ou não, a fim de se perceber aquilo que mobiliza ou emociona o grupo.

Nessa direção, destacamos o papel do psicoterapeuta como um membro integrante e participativo do grupo, tendo livre movimentação para estar no centro, estimulando ativamente a dinâmica grupal e as atitudes cooperativas entre os participantes, a partir de uma dimensão de campo (DELACROIX, 2013; CIORNAI, 2016).

Reunindo intervenção em grupo e prática com casais, adiciono a facilitação da comunicação dialógica entre os pares (VALE, 2020). Tal proposta interventiva considera a dimensão dialógica, ao abrir espaço para a expressão dos sentimentos na presença do parceiro e de outras pessoas que compõem o grupo, favorecendo o entendimento de como o outro afeta e é afetado, individualmente ou em grupo, assim como possibilitando a ressignificação das situações vivenciadas, a tomada de consciência de suas ações e a dinâmica da relação conjugal.

Destaco o trabalho de Yalom e Leszcz (2006), que são referências na atuação em psicoterapia de grupo e apresentam os *fatores terapêuticos* presentes no processo grupal, fundamentais para a compreensão da dinâmica e dos benefícios do trabalho em grupo: 1) instilação da esperança (a vivência do outro é inspiração para meu processo de mudança); 2) universalidade (compartilhar de problemas semelhantes aos de outras pessoas); 3) compartilhamento de informações (trocas de informações, estratégias e referências úteis);



4) altruísmo; 5) experiências emocionais corretivas<sup>2</sup> (possibilidade de ressignificar e atualizar situações que estavam cristalizadas); 6) aprendizagem interpessoal; 7) coesão grupal (o grupo pode configurar-se como um lugar de apoio); e 8) comportamento imitativo (facilitar que o indivíduo experimente, mesmo que de forma efêmera, novos modos de interagir).

O delineamento metodológico do grupo psicoterapêutico com casais configura-se como um grupo fechado, não sendo aceita a inserção de outros membros a partir do momento em que o trabalho for iniciado. As sessões devem ser realizadas em único dia de semana, semanalmente, com 2h de duração cada.

Sugiro iniciar a primeira sessão com a apresentação de todos que compõe o grupo, expondo seus objetivos e posteriormente, cada membro ser convidado a falar sobre as expectativas que tem com o processo que está iniciando ali.

O grupo psicoterapêutico breve gestáltico tem como proposição favorecer a tomada de consciência a partir do que emerge como tema em cada encontro, não levando propostas já estabelecidas e realizando o manejo do grupo a partir de uma dimensão temporal fundamentada no presente.

Durantes as sessões, como mencionado, não são levados temas prévios, pois, em cada encontro, as questões emergem no aqui-agora da situação e são vivenciadas no momento presente. Para conduzir os encontros, faço uso de recursos e experimentos para, em alguns momentos, facilitar o processo de percepção dos casais e sua tomada de consciência. Cito os experimentos que podem ser utilizados durante a realização do grupo psicoterapêutico com casais:

- exercício de relaxamento pelo contato com a respiração e a conscientização do corpo;
- uso da primeira pessoa do singular, ao realizarem uma fala projetiva ou em que não houvesse uma implicação;
- construção conjunta do contrato de convivência do grupo;
- solicitação de que os casais coloquem no papel quais são os seus pedidos para seus respectivos companheiros e os sentimentos, valores e ações que podem oferecer a ele ou ela;
- realização de reflexão sobre a trajetória de vida do casal, a “bagagem” que trazem consigo durante todos os anos de matrimônio, por meio do desenho de uma mala contendo tudo aquilo que “carregam” e que cabe dentro do relacio-

---

2. Esclareço que não coaduno com a ideia de “correção” no que se refere a experiências subjetivas. Assim, faço uso da palavra e da ação “ressignificar” como possibilidade de compreensão para tal fator, visto que, ao vivenciar a experiência em grupo, o sujeito pode atualizar formas de atuação no campo.

namento. Posteriormente, solicito que respondam às seguintes perguntas: “O que temos e precisamos manter?”; “O que temos e não precisamos?”; “O que não temos e precisamos?”; “O que não temos e não precisamos?”. Tal atividade favorece que sejam relatados fatos da vida do casal, a partir da trajetória deles, e descritos os primeiros anos de convivência, as partilhas, os conflitos e as angústias vividos até o momento presente;

- solicitação, em uma das sessões, de que pensassem em como havia sido o início da relação deles enquanto casal, como se conheceram, o que fizeram para ficar juntos e o que os mantinha, até ali, unidos;
- inversão de papéis (um se colocar no lugar do outro);
- dramatização de situações;
- avaliação final do processo, por meio da realização de um desenho em que expressariam como estavam antes de iniciar o grupo, como foi o processo psicoterapêutico e como estavam naquele momento (aqui-agora).

Acerca da vivência grupal e dos benefícios que o compartilhamento e as trocas entre os participantes do grupo oportunizam, Ciornai (2016) revela:

A vivência grupal, sobretudo hoje – quando vivemos um cotidiano de relações fugazes e superficiais e impessoais –, provê um espaço e um tempo para o cultivo de relações significativas, nutritivas e enriquecedoras. Em oposição ao anonimato e à indiferença vivenciados nas ruas e nas comunicações virtuais, o contexto grupal oferece a possibilidade de presença de inteireza, validação, pertinência e vínculos de solidariedade. E, também de empoderamento, pois o grupo unido pode fazer reivindicações e ações sociais conjuntas em situações nas quais o indivíduo, sozinho, se vê pequeno e impotente (CIORNAI, 2016, p.184 ).

Os achados da pesquisa são corroborados pelos resultados de Ramos (2013) acerca do processo e da mudança na interação grupal com casais:

Percebe-se também que, com o início do trabalho grupal, à medida que os participantes reconhecem o outro na relação, compreendem seus papéis conjugais e familiares, e se dão conta da qualidade de suas interações e começam a conversar com os(as) companheiros(as) sobre o cotidiano e sobre o que gostam e o que os irrita na relação. Segundo relatam, veem que as relações vão sofrendo mudanças e vão construindo novas formas interacionais e de convívio; e passam a aspirar pela paz e a harmonia (RAMOS, 2013, p. 52).

Destaco, ainda, como processo de mudança entre os casais, o avanço referente ao modo como passam a se comunicar no grupo, já que o diálogo e a expressão dos sentimentos foi algo que eles geralmente mencionam como uma contribuição para a relação estabelecida e que também reverbera positivamente na interação com outras

pessoas de seu convívio.

Observa-se que o processo psicoterapêutico em grupo com casais, ao oportunizar um espaço para que ambos possam escutar, falar e serem ouvidos, promove reflexões fundamentais para a identificação de questões que, no dia a dia, não são observadas e podem gerar descontentamentos, raiva e implicações no modo como se posicionam frente à relação conjugal.

Sabe-se que, ao iniciar um relacionamento, um leque de expectativas se abre, podendo configurar pontos de sintonia ou de conflito entre o casal. No entanto, é primordial estar atento para o modo como as fronteiras de contato se estabelecem, já que, se estiverem rígidas, não há espaço para novas formas de ver e vivenciar a relação (VALE, 2011).

O desgaste ocorrido em função de uma comunicação conflituosa entre o casal aniquila a possibilidade de comunicarem-se de forma dialógica, cuidadosa e generosa entre si, restando apenas uma troca de informações ou o silêncio entre ambos. Ressalto, então, a importância da flexibilidade dos limites estabelecidos para que haja espaço para uma comunicação efetiva (VALE, 2020).

O ajustamento criativo no relacionamento conjugal implica flexibilidade na fronteira para experimentar novos contatos (SILVEIRA, 1998, p. 45). No casamento, destaca-se a importância da criatividade nas relações como ferramenta e estratégia para se lidar com a crise conjugal, afirmando-se que a atividade criativa favorece a solução de conflitos que surgem de tempos em tempos, clamando por uma resposta inovadora. Resulta daí a saúde e a renovação, de forma que encontramos na atitude criativa, bem como na disponibilidade e na aceitação dos sentimentos ambivalentes que emergem no casamento, a tolerância, a frustração e a capacidade de uma relação de alteridade com outro, possibilitando uma vida conjugal saudável (SILVEIRA, 1998; ZINKER, 2001).

Assim, os participantes tornam-se conscientes dos lugares que ocupam, passam a perceber sua realidade social e a inter-relação grupal, pois “trabalhar com grupos, ou melhor, estar em grupo, é lidar com indeterminação, mutualidade, reconstrução, reconfiguração e principalmente com as surpresas e sustos em todos os momentos” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 225).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as sessões de psicoterapia de grupo, é possível explorar os sentidos e significados que os casais atribuem às suas experiências conjugais, permitindo que expressassem aquilo a que, muitas vezes, não dão visibilidade em suas relações. Os dados confirmam a construção da subjetividade como fundamental na percepção acerca da violência conjugal, já que envolve as experiências pessoais de cada um.

Assim, as relações são marcadas por processos culturais, intersubjetivos e

subjetivos, os quais estão relacionados ao modo como a dinâmica conjugal se estabelece e, conseqüentemente, as possíveis formas naturalizantes de definir e vivenciar a relação conjugal.

É perceptível o quanto as sessões em grupo são mobilizadoras, ao favorecer que os participantes se aproximem tanto das suas vivências pessoais quanto das conjugais e refletissem sobre tais situações, saindo dos modos habituais de pensar e partindo para uma dimensão que produz movimento e reverberações em suas relações.

Ao configurarem um grupo e expressarem o modo como se posicionam, os casais experimentaram ouvir o que pensam e sentem e, principalmente, perceber como tais questões afetam aqueles que ouvem e quais reverberações surgem desse processo. Estar diante de uma situação que, invariavelmente, os coloca frente a “quem fala?”, “para que fala?”, “como fala?” e “quem ouviu?” oportuniza a reflexão sobre a forma como atuam na vida, favorecendo o reconhecimento de possíveis modos rígidos e engessados de funcionamento, que impedem novas formas de agir e vivenciar trocas saudáveis com o outro.

Assim, ao reconhecerem, em seu processo de subjetivação, apenas ações de não cuidado, posturas violentas e de não olhar na direção do outro, os casais tendem a reproduzir padrões conflituosos entre si. Perpassam esse processo também os sentimentos de desesperança diante de dias melhores, ocasionados pela crise financeira, pelo desemprego ou por conflitos gerados por questões do dia a dia.

A violência conjugal, ressalta-se, é uma ponta do nível de violência que assola o mundo atualmente, e, no caso do Brasil, a crise instalada nos últimos anos tem ocasionado sofrimento psíquico em famílias que se encontram em situação de vulnerabilidade social.

Desse modo, o processo de grupo em Gestalt-terapia objetiva favorecer a autonomia de seus membros. Para isso, é necessário que se configure como um lugar possível de suporte e acolhimento para a experiência do conflito e da diferença, sendo a confiança mútua pré-requisito da cooperação grupal (BORIS, 2013).

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, P. L. Contextualização da terapia de grupo: uma pequena apresentação da história e do desenvolvimento de algumas propostas de trabalhos com grupo. **Revista IGT na Rede**, v. 8, n. 15, p. 216-226, 2011. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs>. Acesso em: 8 set. 2017.

ALVIM, M. B.; CASTRO, F. G. O que define uma clínica de situações contemporâneas? Apontamentos a partir de J. P. Sartre e M. Merleau-Ponty. In: ALVIM, M. B. (Org.). **Clínica de situações contemporâneas: fenomenologia e interdisciplinaridade**. Curitiba: Juruá, 2015.

BORIS, G. D. J. B. Grupos gestálticos: uma proposta fenomenológica de facilitação da cooperação. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 1124-1158, 2013.

BORIS, G. D. J. B. Elementos para uma história da psicoterapia de grupo. **Rev. Abordagem Gestalt**, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 206212, dez. 2014.

BRUNS, M. A. T. A redução fenomenológica em Husserl e a possibilidade de superar impasses da dicotomia subjetividade-objetividade. *In*: BRUNS, M. A. T.; HOLLANDA, A. (Orgs.). **Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas: Editora Alínea, 2011. p. 65-76.

CIORNAI, S. Abordagem gestáltica no trabalho com grupos. *In*: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. **Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2016. p. 168-186.

COHN, R. C. Terapia em grupos: psicanalítica, experiencial e Gestalt. *In*: FAGAN, J.; SHEPHERD, I. L. (Orgs.). **Gestalt-terapia, teoria, técnicas e aplicações**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. p. 181-196.

DELACROIX, J-M. Le processus groupal dans une perspective de champ. **Cahiers de Gestalt-thérapie**, n. spécial, p. 55-70, 2013.

FOULKES, S. H. Psicoterapia e psicoterapia de grupo. *In*: KADIS, A. L. *et al.* **Psicoterapia de grupo**. São Paulo: IBRASA, 1976. p. 11-21.

FRAZÃO, L. M.; ROCHA, S. L. C. O. **Gestalt e gênero: configurações do masculino e feminino na contemporaneidade**. Campinas: Livro Pleno, 2005.

KEPNER, E. Gestalt group process. *In*: FEDER, B.; RONALL, R. (Orgs.). **Beyond the hot seat: gestalt approaches to group**. New York: Brunner/Mazel, 1980.

LEWIN, K. **Teoria de campo em ciência social**. São Paulo: Pioneira, 1965.

LEWIN, K. **Problemas de dinâmica de grupo**. São Paulo: Cultrix, 1978.

PERLS, F. S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1997.

PIMENTEL, A. Grupos existenciais para conscientização de homens. **Rev. Nufen: Phenom. Interd.**, Belém, v. 8, n. 1, p. 55-75, jan./jul. 2016.

PINTO, E. B. **Psicoterapia de curta duração na abordagem Gestáltica: elementos para a prática clínica**. São Paulo: Summus, 2009.

POLSTER, E; POLSTER, M. **Gestalt-terapia integrada**. Belo Horizonte: Interlivros, 2001.

RAMOS, M. E. C. Homens e mulheres envolvidos em violência e atendidos em grupos socioterapêuticos: união, comunicação e relação. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 21, p. 39-54, 2013.

RIBEIRO, J. P. **Psicoterapia grupo analítica – Abordagem fouldkiana: teoria e técnica**. Petrópolis: Ed Vozes, 1981.

RIBEIRO, J. P. Gestalt-terapia: o processo grupal: uma abordagem fenomenológica da teoria de campo e holística. São Paulo: Summus, 1994.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia de curta duração**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1999.

RIBEIRO, J. P. **Vade-Mecum de Gestalt-terapia: conceitos básicos**. São Paulo: Summus, 2006.

RIBEIRO, J. P. O conceito de resistência na psicoterapia grupo-analítica: repensando um caminho. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. especial, p. 65-71, 2007.

RIBEIRO, J. P. **Psicoterapia: teorias e técnicas psicoterápicas**. São Paulo: Summus, 2013.

ROBINE, J. M. **O self desdobrado: perspectiva de campo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2006.

ROGERS, C. R. **Grupos de encontro**. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

SANTOS, M. A. Cem anos sem solidão: um século de psicoterapia de grupo (1905-2005). **Revista da SPAGESP**, v. 6, n. 2, p. 7-12, jul./dez. 2005.

SILVEIRA, T. M. **A construção criativa na vida do casal: limites e possibilidades do casamento contemporâneo**. 1998. 93 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

SILVEIRA, T. M. Terapia de casal e família uma visão de campo. *In*: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. **Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2016.

TELLEGEN, T. A. **Gestalt e grupos: uma perspectiva sistêmica**. São Paulo, Summus, 1984.

VALE, K. S. **A relação conjugal em debate: uma análise gestáltica**. 2011. 92 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

VALE, K. S. A comunicação dialógica no manejo com casais. *In*: NASCIMENTO, L. C.; VALE, K. S. **Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares**. Ponta grossa: Atena, 2020.

VALE, K. S. *et al.* O manejo psicoterapêutico na contemporaneidade em Gestalt-terapia. *In*: PIMENTEL, A. *et al* (Orgs.). **Fenomenologia: Teoria e Clínica**. São Luiz: EDUFMA, 2015. v. 1.

YALOM, I. D.; LESZCZ, M. **Psicoterapia de grupo: teoria e prática**. Porto Alegre: Artmed, 2006.


ZIMMERMANN, D. **Estudos sobre psicoterapia analítica de grupo**. São Paulo: Mestre Jou, 1971.

ZINKER, J. C. **A busca da elegância em psicoterapia: uma abordagem gestáltica em casais, famílias e sistemas íntimos**. São Paulo: Summus, 2001.

ZINKER, J. C. **O processo criativo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2007.

# Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)